

Fonte para a história dos trabalhadores da cana
MINTZ, Sidney. *Worker in the cane: a Puerto Rican life history*

Flávia Bruna Ribeiro da Silva Braga
Pedro Henrique Falcão Sette¹

Publicado em 1960 pela Yale University dos Estados Unidos, *Worker in the cane* de Sidney W. Mintz é uma obra de antropologia sobre a cultura da cana-de-açúcar na ilha de Porto Rico durante a primeira metade do século XX. Não publicado no Brasil, a estratégia adotada por Mintz para o seu propósito foi de contar a história de vida de um simples trabalhador da cana, o sr. Eustaquio Zayas Alvarado, ou como prefere “Don Taso”, não através da linguagem indireta do autor, mas permitindo ampla abertura às memórias de Taso, que variavam de assunto, humor, precisão e sentimentos. É através da narração da vida de Don Taso que o leitor é transportado para Porto Rico do início do século, quando a cultura tradicional secular da colonização espanhola é gradualmente modificada pela presença norte-americana na ilha. Com perguntas ao longo da narrativa e com importantes pontuações feitas por Mintz ao final de cada relato, o leitor é familiarizado e ambientado nas grandes modificações econômicas e sociais a nível nacional e suas consequências na vida do cidadão comum portorriquenho.

Em seu primeiro trabalho de campo, Mintz aportou em Porto Rico em 1948 para estudar as comunidades da zona canavieira industrializada, escolhendo o distrito de Santa Isabel na costa sul da ilha. Em 1898, após a guerra hispano-americana, o Tratado de Paris foi assinado e Porto Rico se tornou um protetorado dos americanos, sendo içada a bandeira estadunidense, controlando a vida de mais de um milhão de portorriquenhos. Localizado na parte sul da ilha de Porto Rico, o bairro de Jauca é parte da cidade de Santa Isabel e profundamente inserido no processo de industrialização da lavoura açucareira com a presença dos EUA na primeira metade do século XX.

Através do que Mintz chama de “life-space” do Bairro Jauca é que somos transportados à vida de Taso. Nascido em 1908, Taso tinha quarenta anos, uma esposa e 11 filhos quando Sydney Mintz bateu à sua porta em 1948. Homem discreto, benquisto pelos vizinhos, reflexivo e circunspecto. Para o autor, Taso era um excelente informante no sentido antropológico e etnológico, sempre examinava com atenção e cuidado suas perguntas e sempre fazia questão de responder como ele pensava, ou como ele fazia as

¹ Graduandos pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE.

coisas no passado. (p. 9). A questão é que Taso está inserido exatamente no momento de ocupação americana e isso se refletiu em sua maneira de viver e pensar. Os portorriquenhos estavam mudando o estilo de vida em um fluxo contínuo e Taso aprendeu sobre a vida anterior à ocupação americana através de seus antepassados. De acordo com Mintz *“The large changes in Puerto Rican life and in the relationships of Puerto Rico to the United States were impinging daily upon his consciousness and upon that of his neighbors”* (p. 26).

Taso trabalhou em todo tipo de serviço que um homem portorriquenho do início do século era capaz de conseguir. Desde os nove ou dez anos de idade, Taso inicia sua carreira. Começa colhendo milho e estudando ao mesmo tempo, depois passa a alimentar o gado da lavoura de cana-de-açúcar, trabalho onde admite que muitas crianças costumavam ingressar. (p. 58). Quando estava mais velho, começa a trabalhar nos carros de bois (carretero), depois trabalha na implementação das ferrovias (laying rails), onde nos demonstra o período de transição entre a utilização dos carros de bois (forma tradicional) para o escoamento da produção açucareira para o sistema de vagões após a incorporação das fazendas pela Corporação Aguirre norte-americana. Além de ter trabalhado na construção, Taso também trabalhou no carregamento dos vagões (vagonero). Taso nos faz uma importante declaração sobre o trabalho de vagonero, pois acredita ele que, além de ganhar mais por carregamento, o trabalhador não precisava estar andando de um lado para o outro com a cana. A tese central de Mintz, ainda que ele permita ao leitor a liberdade de interpretação em grande parte da narração de Taso, é encontrar os aspectos de mudança que a presença estrangeira influencia no modo de vida.

Ainda sobre o aspecto do trabalho, Taso nos traz vários aspectos da dinâmica no campo. Falando sobre o perigo de serem expostos a ideias contrárias aos interesses dos senhores, relata ambientes forçados onde muitos trabalhadores eram submetidos, ainda que não de maneira evidente, mas por pressão psicológica (ameaça de demissão): *“the workers that were brought here would remain inside the colonias until after the strike was over. They would never come out to the barrio.”* (p. 141). Taso diz que nunca morou na propriedade das usinas, como muitos eram forçados a isso, mas preferiu sempre manter-se no bairro, pois considerava o trabalho muito pesado. Assume que esse tipo de trabalho só era aceito por pessoas em extrema pobreza, que não tinham direito a crédito e que, se não se submetessem, morreriam de fome. (p. 142). Os relatos que Taso

faz sobre a condição de trabalho variam de acordo com o tipo de ocupação. Uma das consequências do trabalho da lavoura era a hérnia, problema que ele tivera quando criança, mas que era muito comum em quem trabalhava na cana. Afirma que *“it would come to our minds (Taso e seus amigos) that it might have been more Money, to such extent that they looked less well after their health and might gotten ruptured from it”* (p. 139) e continua explicando que muitas vezes o trabalho de semear com a pá, tendo que forçar o pé para abrir buracos na terra, levava lavradores a acidentes e, conseqüentemente, incapacidade para o trabalho. Mas nota-se que Taso atribui ao desejo do trabalhador de ganhar mais dinheiro a causa de doenças e incapacidades. Como demonstra Taso nesta passagem *“It could be from the excess of work or not looking after themselves in time, or from the way they handled the shovel”* (p. 140). Taso não relaciona a incapacidade para o trabalho com as condições mesmas desse trabalho, mas nos mostra a preocupação de se tornar “inútil” para o serviço.

Ainda relata sobre a prática do barracão, outra atividade compulsória que encerrava os trabalhadores dentro do sistema da usina. *“First, tickets were needed to buy in the company store. Then one had to be at the heels of the timekeeper, and if the timekeeper wouldn’t punch the ticket, well, one could not buy at the company store.”* (p. 142) por isso ele preferia comprar nas lojas americanas locais. Novamente Taso indiretamente nos mostra que a presença norte-americana trazia uma nova forma de viver nas plantações de açúcar. Sobre os pagamentos, Taso diz que os proprietários das usinas não tinham interesse que os trabalhadores detivessem grandes somas de dinheiro consigo. Desta forma os responsáveis pelos pagamentos costumavam fracionar os valores ao longo das semanas do mês, ao invés de dar toda a soma, de forma que despistasse a fiscalização dos proprietários sobre o dinheiro pago aos trabalhadores. (p. 70). Sobre o trabalho infantil, por sua vez, afirma que no início não havia legislação que protegesse as crianças do trabalho para as corporações, de forma que muitos meninos eram empregados, tornando-se algo comum. Taso nos dá um bom resumo do processo de apropriação das fazendas pelas corporações quando diz que

The Aguirre Corporation now owns Colonia Texidor and other colonias in different parts; but at that time, no. Texidor was administrated by the Texidors; Colonia Pastor Díaz by Diaz themselves; the colonia of Don Clotilde Santiago was administrated by the same Don Clotilde Santiago, and so on. The corporations didn’t have the control that they have now. (p. 38)

As mudanças são mais profundas que a aquisição de antigas fazendas. Diz Mintz que nesse período (1927-39), a água encanada chega às casas, assim como o rádio. Rodovias e carros passam a fazer parte do cenário. São exigidos das parteiras a profissionalização e testes de capacidade. Controle da natalidade, desde conhecimento a métodos, passa a ser usado pelos jauqueños e remédios caseiros se tornam, cada vez mais, obsoletos. (p. 172-173). Além das mudanças materiais e de conhecimento, os jauqueños se tornam mais conscientes do direito do voto, da união sindical, da educação, do valor das instituições impessoais, como partidos e tribunais, contrariando a forma pessoal de lealdade tradicional. Assim, mesmo que os jauqueños estivessem progressivamente se tornando individualizados, também se tornavam proletarizados, Mintz não vê aí um paradoxo. (p. 176).

Entretanto as mudanças não foram profundas a ponto de superarem os antigos privilégios da elite dos engenhos. Taso relata o caso do capataz da fazenda Pastor Díaz que, tendo seu filho falecido, conta o caso ao senhor Pastor Díaz e recebe uma resposta fria que o fez resignar-se dizendo que quem tem, perde. No entanto, este mesmo capataz acidentalmente mata um burro do fazendeiro e este explode de raiva com a perda. Observa Taso, aqui, que o filho do capataz não era tão importante quanto o burro do senhor. Um caso simples, mas que não foge a percepção de Mintz ao dizer que *“one notes his angry reaction to Don Pastor Díaz highhandedness”* (p. 169). Já na eleição de 1932 Taso, movido contra Pastor Díaz, ingressa na eleição a favor do Socialist Party contra o Puerto Rico Alliance. Já Mintz vê a narração de Taso diferentemente: *“Díaz himself appears as a prototype of the old time hacendado – eccentric, imperious, selfish and cruel. Other Jauqueños told me of Pastor Díaz, however, and did not paint his character quite so blackly”*. (p.169)

Taso, por sua vez, é demitido da Colonia Texidor após as eleições de 1932 por razões políticas por seus pensamentos socialistas e por conversar sobre política, acaba sendo denunciado pelo capataz Patiño que de acordo com Elisabeth *“that man was heartless; or else he didn't think of his own Family, he didn't think that perhaps some day the same thing might happen to him, to suffer hunger with his children”* (p.149). Ainda de acordo com Elisabeth, diz ela que a causa de tudo é que a família era socialista e que após essa demissão, Taso não conseguia mais conseguir emprego, entrando para uma “lista negra” em todas as colônias. De acordo com Mintz, naquele tempo as eleições eram feitas de acordo com a lealdade e a inclinação política do dono da colônia.

Os agregados, os trabalhadores e os independentes de colônias costumavam votar de acordo com esses “currais” eleitorais, o que chamamos no Brasil de “Voto de Cabresto”. Como Taso trabalhava para a Texidor, era esperado que ele procedesse de acordo com o desejado nas eleições, longe das causas socialistas. A maior parte das terras pertencia a algumas corporações americanas.

No entanto, o relacionamento de Taso com seus empregadores variava, já que em relação ao senhor Rafael Garcia o pensamento era completamente diferente. Diz Taso que *“I could say that when Don Rafael was at Destino he was a completely good person with me and I have no complaints concerning him”* (p. 139) apesar de outras pessoas falarem que Don Rafael era muito duro.

A respeito das eleições, comenta que a luta contra ilegalidade dos partidos era constante, pois Taso foi ele mesmo participante do processo eleitoral como fiscal de zona eleitoral (p. 128), além de comentar sobre a intimidação na hora do voto, para que o trabalhador votasse conjuntamente com seu senhorio, muitas vezes fiscalizado pela cor do papel a ser votado (p. 150).

Desiludido após a eleição, pois o partido socialista não o amparou após a vitória. (p. 151). Narra também que durante os anos 30 era impossível a um trabalhador exibir sua posição política se fosse contrária aos interesses dos donos de usinas, expressá-la de qualquer forma, ou automaticamente era expulso do trabalho e não conseguia outro. Narra, entretanto, que atualmente (1948) já não era mais assim.

A vida política de Taso mudou significativamente com a sua troca de partido em 1940. Nesta eleição, desiludido com o partido Socialista, que por conta da sua aliança com os Republicanos estava de mãos atadas e incapaz de impor sua agenda e propostas, Taso votou pela primeira vez com aquele que seria o seu partido desde então até o momento da entrevista, o Partido Popular. Ele, e muitos outros trabalhadores, foram seduzidos pelo discurso simples e compreensível do partido, que fugiam do rebuscamento barroco da oratória tradicional. Os políticos do partido popular

[they] talked to the people in a way that was easy to understand. Before, at political meetings the leaders would hold forth, and it was truly eloquent oratory, truly lovely. But what we heard we did not understand-orations about the mists, the seas, the fishes, and great things. Then, when Muñoz Marín came, he didn't come speaking that way. He came speaking of the rural worker, of the cane, and of things that were easier to understand. (p. 187)

A lógica do Partido Popular era simples: os trabalhadores deveriam votar com o partido naquela eleição. Se, dentro de um mandato, as promessas feitas não fossem cumpridas e as leis propostas não fossem aprovadas, eles estariam livres para votar contra o partido na eleição seguinte. Este tipo de garantia se mostrou sedutora; a mudança em Porto Rico se dava a passos curtos, lentos. A ideia de que ele deveria esperar pouco para ver aplicadas aquelas propostas (ou então ver-se livre para apoiar outros ideais ou mesmo abandonar a política) era interessante para um Taso já desgostoso do jogo e da vida pública.

Taso encontrou no Partido Popular vida e ânimos novos. As leis prometidas passaram e ele voltou a dedicar-se à política com ânimo. Ele se filiou ao partido cheio de dúvidas, ciente de que a realidade do *barrio* e dos trabalhadores permanecera praticamente inalterada. As novas leis, principalmente a do salário mínimo, trouxeram alguma tranquilidade e previsibilidade à vida dos trabalhadores da cana. Taso demonstra, mais uma vez, seu raciocínio crítico quando se mostra ciente de que nem todas as promessas feitas em campanha poderiam ou iriam ser cumpridas; sua lealdade ao partido se deu não por ele entendê-lo como infalível, mas através da sua percepção de que ele era um instrumento que permitiria mudança palpável na vida de sua comunidade.

A vida política de Taso passa também pelo seu ativismo sindical. Foi no mesmo ano de 1944 que a CGT (*Central General de Trabajadores*) iniciou suas atividades no Barrio Jauca. Desconectados de *haciendas* em particular e recebendo salários iguais sob a legislação do salário mínimo, os trabalhadores rurais agora se identificavam menos com os patrões e mais entre si. Surgiu a necessidade de defender os interesses da classe e a CGT apareceu para preencher este vácuo. Taso descreve seu trabalho na organização e se lembra com orgulho do começo da operação, onde ele trabalhou com afinco e entusiasmo. Uma de suas atribuições era representar o sindicato na fiscalização do pagamento, assinando todos os cheques dos afiliados para assegurar-se de que os pagamentos estavam sendo feitos adequadamente, uma ocupação que o levava a trabalhar até a madrugada, mas que o deixava satisfeito por fazê-lo sentir parte de um cenário maior, em movimento.

Os problemas com a CGT, porém, haviam corroído a confiança dos trabalhadores, que, desconfiados de qualquer sindicato, preferiram não se afiliar. O grupo de Taso não se desfez de imediato e chegou a ter vários membros, mas a idéia não

vingou. O ano de 1948 veio com uma nova eleição e Taso novamente fez campanha pelo Partido Populista. Este foi o ano, porém, em que ele perdeu o entusiasmo pela política em si. Cansado da luta e do que ele percebeu como falta de reconhecimento pelo seu trabalho e esforço, Taso evitou envolver-se novamente, embora ele afirme que continuará sempre sendo um Popular, desde que o partido se mantenha junto aos seus ideais iniciais.

Foi também na década de 40 que Taso abandonou o trabalho de *palero* (Sem tradução para o português. Trabalhador do corte) definitivamente e ingressou numa companhia ferroviária. Este é outro passo que, juntamente com o advento do salário mínimo, contribui para a estabilização da sua vida. Ele observa que embora haja gente ganhando mais dinheiro com corte de cana, trabalhando por produção, esse é um trabalho sazonal, sem garantias e dependente da colheita, que, devido à automatização do processo que o progresso industrial e a definição do posicionamento econômico de Porto Rico em relação aos Estados Unidos traz, torna-se cada vez mais curto. A janela para ganhar dinheiro como *palero* diminuía, e embora os ganhos fossem maiores, a segurança e a constância não eram. Pai e marido, Taso prefere o salário garantido quando outros de sua região faziam diferente, e aqui Mintz observa isto como mais um sinal do raciocínio realista e prático que Taso demonstrou em toda a sua vida (especificamente, no caso da *bolita*; De fato, a palavra que o autor usa para caracterizá-lo durante boa parte do livro é *hard-headed* ou seja, teimoso).

Mintz faz ainda uma análise da novo Porto Rico, fechando o livro da maneira que o começou: analisando o espaço. Nesse novo Porto Rico, compadres de Taso vivem no Estados Unidos trabalhando em *blue collar jobs* para enviar para casa alguns dólares e um dia retornar. Um de seus filhos frequenta a universidade com grande custo pessoal. Outros seguem os passos do modelo masculino da região e se envolvem em confusões ou se perdem no trabalho da cana. A frase com que Mintz encerra o livro é emblemática na sua força: *a grande história a ser contada pela narrativa da vida de Taso é menos de denúncia social e de drama campesino e mais da vida de um indivíduo, que, possuidor de uma mente extraordinária, viveu da maneira mais extraordinária que pôde.*